

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

CLÉBER DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**O TRABALHO PEDAGÓGICO FRENTE À DISGRAFIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

CLÉBER DOS SANTOS DE OLIVEIRA



**O TRABALHO PEDAGÓGICO FRENTE À DISGRAFIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Me. Silvana Mendonça Lopes Valentin

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

O TRABALHO PEDAGÓGICO FRENTE À DISGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Por

Cléber dos Santos de Oliveira

Esta monografia foi apresentada às. 18: 00 hrs do dia 09 de Dezembro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Paranavaí , Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Me. Silvana Mendonça Lopes Valentin
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^a. Me Claudimira Bortoloto
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof Me.Lairton Moacir Winter
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a minha esposa
e ao meu filho, pessoas que sempre acreditaram em mim
e foram fundamentais na conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter permitido a realização desse sonho e por ter guiado meus passos neste percurso.

A minha orientadora por ter aceitado me orientar nesta pesquisa e por compartilhar um pouco de todo o saber que construiu no decorrer de sua trajetória universitária.

A minha família, da qual tive total apoio nos momentos de dificuldade e que me incentivaram a prosseguir e a enfrentar todos os obstáculos.

A minha esposa, que sempre compreendeu a razão de minha ausência e esteve pronto para me ajudar em tudo que precisei.

Enfim, agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, participaram dessa história.

RESUMO

A disgrafia é caracterizada por problemas com a linguagem e escrita, as quais dificultam a comunicação de idéias e de conhecimentos, através desse específico canal de comunicação. O objetivo principal desta monografia é o estudo das dificuldades específicas de aprendizagem em crianças, com ênfase para as questões relacionadas às características da disgrafia, e aumentar o conhecimento de alunos e professores acerca desses distúrbios, bem como saber identificá-los quando se apresentar nas salas de aula. Toda a revisão de literatura foi fundamentada em consultas e pesquisas de especialistas na área. Para atingir estas informações foi realizada uma pesquisa bibliográfica e um questionário qualitativo com professores de níveis fundamental, de uma escola municipal do município de Guairaçá, tendo como resultado a importância de informações mais aprofundadas sobre este assunto, e a participação mais ativa dos pais para que juntos possam oferecer uma educação de qualidade e digna para os alunos disgrafia. Enfim é fundamental entender e saber lidar com as necessidades de cada um.

.

PALAVRAS CHAVES: Aluno; Aprendizagem; Disgrafia;

ABSTRACT

Dysgraphia is characterized by problems with written language, which hinders the communication of ideas and knowledge through this particular channel of communication. The main objective of this monograph is the study of specific learning difficulties in children, with emphasis on issues related to characteristics dysgraphia, and increase the knowledge of students and teachers about these disorders, as well as learn to identify them when present in rooms class. Entire literature review was based on consultation with experts in the field of research. To achieve this information a literature search and a qualitative questionnaire with teachers from elementary levels, a municipal school in the municipality of Guairaçá, resulting in the importance of in-depth information on this and more active participation of parents so that together was held can provide a quality education for students and dignified finally dysgraphia is critical to understand and deal with the needs of each.

KEYWORDS: Student; learning; dysgraphia;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	13
2.1 Alguns Princípios distúrbio na aprendizagem.....	13
2.2 Dificuldades de aprendizagem: Algumas consideração	14
2.3 Disgrafia	15
2.4 Tipos de Disgrafia	18
2.5. Fatores que causa Disgrafia	19
2.6 Influência da Disgrafia na Leitura	19
2.7 A Função dos Professores de Alunos disgráficos	20
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	22
3.1 Procedimentos Metodológicos.....	22
3.2 População e Amostra	22
3.2 População e Amostra	22
3.4 Análises de Dados.....	23
4. RESULTADOS E DICUSSÃO	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXO(S)	43
APENDICE (S)	44

1 INTRODUÇÃO

A fala, a leitura e a escrita não podem ser consideradas como funções autônomas e isoladas, mas sim como manifestações de um mesmo sistema, que é o sistema funcional da linguagem (JOSÉ e COELHO, 2000). Dessa forma, esses aprendizados fazem parte de um processo progressivo, onde a criança eterniza experiências auditivas, verbais e visuais, e passando a diferenciá-los uns dos outros, atribuindo-lhes significados e armazenando-os na memória. Entra as formas destacadas aqui, a escrita é uma das formas mais elevada da linguagem, pois vai além da decodificação gráfica, extremamente complexa. Onde implica na compreensão de um conjunto de traços visuais de que possuem valores simbólicos

Para Morais (2006), disgrafia acontece quando há uma incapacidade de recordar a grafia da letra uma deficiência na qualidade do traçado gráfico, não associado ao comprometimento intelectual, déficits sensoriais ou lesões neurológicas, pode desenvolver-se e manifestar-se de diferentes formas.

Em meio a esse contexto, o objetivo desse estudo é coletar informações sobre este transtorno, sua definição, causas e características. Assim, como também realizar coleta de dados por meios de questionário que será entregue a professores do ensino fundamental da cidade de Guairacá - Pr com perguntas a respeito de transtornos na ortografia de alunos. O mesmo servirá a equipe pedagógica.

Posteriormente estes dados serão colocados em forma de gráfico para análise percentual dos problemas diagnosticados em alunos por sala e em sexo masculino e feminino.

A escolha do tema justifica-se pela constatação do grande número de alunos que apresentam problemas de disgrafia que ainda não foram superados mesmo ao final de sua alfabetização. Sabe-se que as dificuldades de escrita em língua portuguesa acompanham o educando em processo de alfabetização, contudo é fato que muitos professores encontram-se perdidos pela grande falta de informação quando este tipo de problema se prolonga nos anos finais.

A percepção do distúrbio nos alunos é de grande relevância para que se permita ao professor orientar seus encaminhamentos metodológicos, como também ao aluno para que se possa superar o problema sem mais prejuízos ao desenvolvimento escolar.

Dessa forma a proposta dessa pesquisa envolve elencar informações referentes à disgrafia, que possam proporcionar aos educando um maior conhecimento a respeito do assunto, como também servir como base de apoio às pessoas com esse tipo de transtorno, através de um estudo bibliográfico acerca do tema em questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1 ALGUNS PRINCIPIOS DISTÚRBO NA APRENDIZAGEM

O termo aprendendo sempre foi tema muito debatido entre os professores e pedagogos envolvidos na área da educação e distúrbio na aprendizagem, não é sinônimo de deficiência mental de alunos.

Dificuldades relativas ao desenvolvimento da linguagem da escrita podem ocorrer de maneiras diversas. Segundo Nutti (2009) distúrbios de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala leitura, escrita, raciocínio matemáticas.

Por outro lado, o termo “distúrbio” e “transtorno” de aprendizagem estão mais vinculados aos problemas intrínsecos ao aluno, sugerindo a existência de comprometimentos neurológicos (JARDINI e SOUZA, 2006).

Este tipo de problemas poder afetam negativamente a vida escolar, de muitas alunos, causando sofrimento e perda de aprendizagem. Distúrbio de Aprendizado, comumente identificado pela sigla “DA”, tem sido considerado problema específico da leitura, escrita e de raciocínio matemático, identificado em geral nos primeiros anos escolares (NEVES e BATIGÁLIA, 2011).

Para Fonseca (1995), compreende (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático.

De acordo com o CID – 10 os Transtornos Específicos do Desenvolvimento das Habilidades Escolares são compostos por grupos de transtornos manifestados por comprometimentos específicos e significativos no aprendizado de habilidades escolares.

O diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar formada por profissionais das áreas: Psicologia/neuropsicologia, fonoaudiologia, pedagogia, neurologia e psiquiatria, uma vez que o quadro confirmação o diagnóstico, pode ser acompanhado para não comprometem a aprendizagem da criança.

2.2 Dificuldades de aprendizagem: Algumas considerações

A aprendizagem é um processo que acontece naturalmente durante o desenvolvimento da criança, trazer o conhecimento mal trabalhado pelo professor pode desencadear diversos distúrbios não identificados, e acaba se tornando um

Peso

A preocupação com dificuldades na aquisição da leitura e escrita durante o processo escolar se dá muitas vezes, quando o educando já deveria ter superada esta etapa. Assim sendo CALDEIRA E ET AL. (2004), a função de professores é analisar tais dificuldades de cada aluno na aprendizagem devido a tais distúrbios, pois muitos de nós desconhecemos tais dificuldades, seus sintomas e suas características, atribuindo inclusive adjetivos preconceituosos aos alunos que apresentam. Os que o sim pedem de reconhecer e ajudar o aluno. Por tanto este, ainda é um assunto complexo, que, para ser enfrentado de forma adequada nas escolas e nas famílias, requer esforços para que se supere a superficialidade das abordagens do senso comum. Para isso, são necessários maiores esclarecimentos por parte de profissionais á família, e investimentos na formação inicial e continuada dos professores. Na disciplina de Língua Portuguesa se faz necessário que o aluno esteja com seu processo de alfabetização concluído, pois ler, escrever e interpretar são pré-requisitos básicos em sua vida escolar.

De Acordo com Garcia (1998) a dificuldade na aprendizagem não esta relacionada unicamente com algum tipo de lesão cerebral ou problemas neurológicos, mas muitas vezes, com problemas familiares, baixa autoestima, sala de aula, falta de material didático, professores desmotivados, dificuldades de relacionamento com os professores.

Tais fatores que podem levar ao fracasso escolar podendo estar comprometendo o psicológico, neurológicos e pedagógicos do aluno.

Portanto é necessário um conhecimento por parte do educador em relação a tais distúrbios, que pode afetar diretamente ou indiretamente a leitura e escrita do educando. E dessa forma, intervir para que o mesmo venha a superar estas dificuldades.

Vale ressaltar que Lei nº 9.394-1996(LDB), favorecer a promoção de aprendizagem inclusiva dinâmica, interativa, aberta sem perder de ponto a concepção humanista para a formação de indivíduos e cidadãos críticos.

A leitura e a escrita são fundamentais para a inserção do educando na sociedade como indivíduo e cidadão atuante. Portanto seu fracasso escolar atinge diretamente em sua função social, cabendo aos professores e a família observá-los e encaminhá-los aos profissionais qualificados no intuito de diagnosticar e procurar trabalhar para promover uma melhora nessas dificuldades, tornando-o indivíduo integrado em seu contexto social.

2.3 DISGRAFIA

Uma vez diagnosticada, a disgrafia, logo se percebe que ela dificulta o processo de aprendizagem da escrita, pois o educando sente dificuldades para realizar suas tarefas, e se sente inibido diante de seu professor que não consegue entender o que ele escreve.

Para Torres e Fernández (2001) define etimologicamente, disgrafia como um derivado dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é uma “perturbação” de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do indivíduo.

Seu traçado ou “grafia” fica comprometido, ao ponto de o educando se limitar á escrever, pois se sente pressionado a ler o que muitas vezes nem ele mesmo consegue para seu professor.

A disgrafia pode acompanhar uma criança desde muito cedo, aos quatro anos já traz em si uma performance no traçado, e já é possível fazer constatar que há algum problema. Diante da suspeita, o primeiro passo é iniciar uma investigação minuciosa comparando o traçado proposto dessa idade com a média de grafia para a idade equivalente, sendo possível o diagnóstico, através de desenhos, rabiscos e outros. Também é muito importante que se faça uma avaliação psiconeurológica global.

Aspectos como a má formação nos anéis; letras colocadas umas sobre as outras; grandes espaços em branco, com empelotamentos nas letras; força exagerada, chagando a marcar outras páginas do caderno; traços descontrolados, letras que dançam nas linhas; inversão de letras (escrita em espelho), podem ser observados já nos primeiros anos de alfabetização por parte de um profissional atento, ou que já estudou algo nessa área (ALMEIDA , 2010).

Há atualmente estudos que abordam a tese de que a criança com disgrafia terá provavelmente problemas de leitura, e outras complicações envolvendo ombros, braços, mãos e dedos, estes ligados aos tonos muscular.

Em alguns casos, a disgrafia associa-se a disortografia, esta se dá por “erros ortográficos”, diferentemente da disgrafia, que não é acompanhada necessariamente de erros. É Muito Importante o reforço positivo quanto a caligrafia da criança, pois, muitas vezes deixamos de tentar estratégias que possam fazer com que a criança vá sentindo segurança em sua escrita.

Para Correia, (2008) a dificuldade de aprendizagem específica se trata da forma como um indivíduo processa suas informações, como ele as recebe e exprime. As mesmas podem, assim, manifestar-se nas áreas da fala, leitura, escrita, matemática, envolvendo déficit que podem implicar em problemas de memória preceptivas, motora, de linguagem, de pensamento e cognição. Essas dificuldades resultam em privações sensoriais, deficiência mental, problemas motores, déficit de atenção, perturbações emocionais ou sociais, embora possa haver a possibilidade de ocorrerem juntamente, elas podem ainda, provocar alterações no modo como o indivíduo interage com o meio. Isso tudo faz com que a criança comece a se limitar, por medo de errar.

De acordo com Drouet (2006, p.131), “disgrafia é a dificuldade na utilização dos símbolos gráficos para exprimir idéias. Caracteriza-se pelo traçado irregular das letras e pela má distribuição das palavras no papel.”

Segundo AJURIAGUERRA (*apud* Ana Maria Salgado Gómez 1998, p.163) “será considerada disgráfica toda criança cuja escrita seja defeituosa, quando ela não tiver um importante déficit neurológico ou intelectual que o justifique. Crianças intelectualmente normais escrevem devagar e de forma ilegível o que atrasa seu progresso escolar.”

Identifica - se disgrafia e uma pessoa disgráfica, segundo Cinel (2003, p.19):

[...] a partir da descrição que se percebe a importância de o professor ter conhecimento suficiente sobre o assunto, levando em consideração que qualquer aluno que ainda esteja em processo de desenvolvimento escolar e principalmente desenvolvimento da escrita, terá uma visível dificuldade ao traçar as letras. Portanto, durante esse período, o professor deverá orientar os alunos a realizarem adequadamente a escrita para evitar a permanência de traçados incorretos e, conseqüentemente, a disgrafia.

Segundo Garcia (1998), “a disgrafia é uma dificuldade no desenvolvimento da escrita, mas só se classifica como tal quando, por exemplo, a qualidade da produção escrita mostra-se muito inferior ao nível intelectual de quem a produz. Quanto às outras dificuldades a escrita ruim vem associada a um baixo nível intelectual.”

Além disso, (*IBID*, 1998), também afirma que “a disgrafia geralmente apresenta-se com outras alterações superpostas como os transtornos do desenvolvimento na leitura, transtornos no desenvolvimento da linguagem, transtornos do desenvolvimento matemático, transtornos de habilidades motoras e transtornos de conduta do tipo desorganizado.”

Alves (2012 , p.1) vem ao encontro dessa idéia, quando descreve:

Com relação ao diagnóstico das dificuldades de aprendizagem da escrita não se deve pensar que uma das causas dessa dificuldade seja uma inteligência baixa, sendo que o mais importante é o tipo e a quantidade de erros. É interessante que se faça a realização de testes de leitura (precisão, fluência e compreensão), ortografia e linguagem, o que representa o grupo principal para o diagnóstico da dislexia na criança.

A criança com disgrafia apresenta uma série de sinais ou manifestações secundárias motoras, que acompanha a dificuldade no desenho das letras, e que por sua vez a determinam. Entre estes sinais encontram-se uma postura incorreta, forma incorreta de segurar o lápis ou a caneta, demasiada pressão ou pressão insuficiente no papel, ritmo da escrita muito lento ou excessivamente rápido.

Segundo a Associação Portuguesa de pessoas com Dificuldades de Aprendizagem específicas, os sinais indicadores de disgrafia são:

Postura gráfica incorreta, Forma incorreta de segurar o instrumento com que se escreve, Deficiência da preensão e pressão, Ritmo de escrita muito lento ou excessivamente rápido, Letra excessivamente grande, Inclinação, Letras desligadas ou sobrepostas e ilegíveis, Traços exageradamente grossos ou demasiadamente suaves, Ligação entre as letras distorcida. (MORAIS, 2002, p.1).

Em uma matéria publicada na Revista Veja (2012, p.5), os sinais da disgrafia foram abordados como:

Os sintomas da disgrafia não se referem exclusivamente à escrita. Alguns outros sinais de alerta podem ajudar os pais antes mesmo da alfabetização dos filhos. “Se você leva a criança a uma festa junina, por exemplo, observe se ela tem ritmo para acompanhar as músicas, memória para fixar os passos e atenção aos movimentos”, diz Raquel Caruso. Se observada alguma dificuldade nesse sentido, é

hora de estimular a prática de exercícios físicos como correr e nadar, além de brincadeiras como amarelinha, pintura e recorte para estimular a parte motora dos pequenos. A falta dessas atividades pode comprometer o tônus muscular, piorando a já difícil situação dos disgráficos.

Considerando aprender pouco, uma dificuldade, e ensinar mal uma variável, a problemática contorna a ênfase do desconhecimento do professor com relação aos problemas comportamentais e distúrbios de aprendizagem, que levam a uma atuação equivocada no processo educacional.

Por esse motivo, ter conhecimento sobre dificuldades e distúrbios de aprendizagem pode ajudar o professor, já que estudos demonstram que o professor é o intermediário para a procura dos pais aos serviços de saúde, com queixas de distúrbios ou dificuldades de aprendizagem.

2.4. Tipos de Disgrafia

Existem vários tipos de disgrafia, sendo caracterizadas como: Posturais, que é identificado com a dificuldade de escrever originada pela má postura no momento de escrever, como o costume de apoiar-se sobre a mesa, agarrar-se à cadeira, manter a folha no centro, aproximar muito a folha dos olhos, apoiarem a cabeça enquanto escreve, folha muito virada para a direita ou esquerda, entre outros.

Há ainda as Disgrafias de Preensão, que são caracterizadas como palmar (a criança pega o lápis com o polegar e os três ou quatro últimos dedos, deixando o polegar em cima do indicador, ou ainda preensão sobre a ponta do lápis, o fato de segurar o lápis entre o dedo indicador e o médio, entre outros costumes.

Na disgrafia de pressão as letras são desenhadas com traços muito fracos, conhecidos como “asas de mosca”, ou quando há pressão excessiva no traço ao escrever, conhecida como “amassafolha” e ainda a letra “parkinsoniana”, caracterizada pela letra pequena, trêmula e rígida.

Disgrafia de direcionalidade pode ser dividida em descendente, ascendente e serpenteante, havendo ainda as Disgrafias de giro, onde as letras que necessitam de traços circulares na sua execução (a,o,d,g,f,q) são escritas com giros invertidos, no sentido horário.

Disgrafias de ligação é quando há falta de ligação entre as letras na escrita cursiva, ou então há ligação simbiótica, ou seja, as letras são escritas coladas entre si, sem as linhas de união definidas.

Disgrafias figurativas, dada pela mutilação e distorção das letras, e as Disgrafias posicionais, caracterizada pela verticalidade caída para trás, letras em espelho, confusão de letras simétricas (Ex: b e d).

2.5 FATORES QUE CAUSAM A DISGRAFIA

De acordo com o autor Visca (2008) as causas podem ser várias: neurológica, psicológica, oftalmológica e /ou audiológica. O problema acarretado por estas causas é sempre a dificuldade de coordenar a letra para a escrita. A disgrafia pode surgir como parte da síndrome dispráxica ou dentro do quadro da debilidade motora, podendo ainda estar ligada à surdez e aos transtornos de lateralidade.

As disgrafias podem ter ainda causa emocional, intelectual, e até mesmo socioeconômicas, que podem interferir diretamente processo de ensino aprendizagem e vir a desenvolver um ou mais distúrbios de aprendizagem. (GOMEZ, 1998, p. 130).

2.6 INFLUÊNCIAS DA DISGRAFIA NA LEITURA

Geralmente a disgrafia apresenta-se associada à dislexia, pois na grande maioria das vezes o aluno inverte as letras e muitas vezes até troca a letra, encontrando conseqüentemente dificuldades na escrita.

Uma vez que o aluno troca as letras para escrever, possivelmente trocará durante a leitura e vice-versa, pois ambas estão interligadas. De acordo com Cinel (2003, p. 19), “o ler é condicionado pelo escrever e, para ler significativamente, é preciso que a escrita conduza o leitor a enquadrar todos os símbolos (letras, palavras, acentos, notações, etc...).”

Ainda de acordo com CINEL (2003, p.9)

A escrita pode ser um fator importante para que se estabeleça e se mantenha um dialeto como padrão, pois goza de prestígio. Graficamente representada, uma língua tem mais possibilidade de servir de modelo pela estabilidade que adquire, devidamente registrada. [...]. A escrita é mais cuidadosa que a fala e, portanto, mais permanente e torna mais evidente os problemas que se

constituem distúrbios de grafia: disortografia ou disgrafia, foco do nosso estudo

Escrever com máquina datilográfica, ou com o computador, pode ser muito mais fácil para o disléxico. Segundo o Portal Educa Mais, a criança disgráfica é vítima de transtornos que provém ora do plano motor, ora do plano perceptivo, ora do plano simbólico.

A dificuldade de integração visual-motora dificulta a transmissão de informações visuais ao sistema motor. “A criança vê o que quer escrever, mas não consegue idealizar o plano motor”. Sua escrita é nitidamente diferente da escrita da criança normal, o que não acarreta homogeneidade no interior do grupo dos disgráficos.

2.7 A FUNÇÃO DOS PROFESSORES DE ALUNOS DISGRÁFICOS

O programa escolar deve ser adaptado às condições necessárias, ao desenvolvimento e desempenho dos alunos, atendendo às diferenças individuais. Isso implica afirmar a necessidade de atendimento pedagógico diferenciado.

O professor precisa ter uma personalidade adequada ao tipo de trabalho que irá desenvolver, precisando, antes de tudo, ter equilíbrio emocional para que possa encarar os problemas com compreensão e tolerância. Sua tarefa é muito complexa: trabalhar com crianças que apresentam problemas sérios de aprendizagem e tentando tudo para solucionar suas dificuldades, a fim de realizar um trabalho eficiente.

De acordo com BASTOS (2012, p.1):

O tratamento requer uma estimulação lingüística global e um atendimento individualizado complementar à escola. Os pais e professores devem evitar repreender a criança. Reforçar o aluno de forma positiva sempre que conseguir realizar uma conquista. Na avaliação escolar dar mais ênfase à expressão oral. Evitar o uso de canetas vermelhas na correção dos cadernos e provas. Conscientizar o aluno de seu problema e ajudá-lo de forma positiva.

As crianças disgráficas precisam ser ensinadas a combinar os movimentos, a associar a seqüência de movimentos para executar tarefas. A maioria das crianças

disgráficas consegue progresso satisfatório quando são ensinadas a fazer associações visual-motoras apropriadas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Procedimentos Metodológicos

Para a construção deste presente trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa, analítica e descritiva, sendo uma revisão sistemática e fundamentada em referencial bibliográfica a fim de adquirir informações sobre a disgrafia onde foi aplicado uma abordagem direta a um grupo de professores entrevistados do ensino fundamental Para Andrade (1999) a pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que tem como objetivo conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema. Por ser uma pesquisa bibliográfica de cunho descritiva é desenvolvida a partir de matéria já elaborada constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2012).

3.2 População e Amostra

Toda pesquisa foi realizada diretamente com grupo composto por trinta e cinco professores regentes do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade Guairaçá- Pr . O pesquisador explicou detalhadamente questionário que foi aplicado contendo 12 perguntas de alternativas todos os concordaram, sendo dispensada a identificação dos mesmos.

3.3 Instrumentos de Coleta de Dados

Determinou-se a coleta de dados através de entrevistas com 35 os professores regentes de escola de Ensino Fundamental do município de Guairaçá – PR. As perguntas utilizadas foram de múltiplas escolhas, para obter informações sobre quais são as maiores dificuldades relacionada a distúrbio da disgrafia em alunos. A coleta de dados necessitou ser articulada mediante uma leitura teórica, não se abstendo apenas a um levantamento e exposição de fatos ou dados (Severino, 2007).

3.4 Análises de Dados

Através de dados coletados pelo questionário aplicado aos professores possibilita-se perceber suas opiniões a dimensão do conhecimento sobre este distúrbio disgrafia por parte dos educadores, pois eles estão diretamente em contato com os alunos, possibilitando-lhes o conhecimento e aprendizagem educacional, percebendo assim se realmente esta dificuldade e maneira mais adequada, fazendo uso dos recursos necessários para a melhora do desenvolvimento de cada aluno. Foram executados gráficos e tabelas demonstrativas e devidamente analisadas e comparadas com textos de autores da área do estudo.

4. RESULTADOS E DICUSSÃO

4.1 Análises dos Resultados

Nesta etapa do trabalho serão apresentados os quadros e gráficos com as respostas dos sujeitos pesquisados, e em seguida será feita a análise dos mesmos, através de dados coletados pelo questionário aplicado aos professores, possibilitando perceber a dimensão do conhecimento sobre este distúrbio lingüístico por parte dos educadores. Pois eles estão diretamente em contato com os alunos, proporcionando-lhes o conhecimento e aprendizagem educacional. Pois se esta dificuldade biológica é trabalhada de maneira adequada, fazendo uso dos recursos necessários para a melhora do desenvolvimento de cada aluno, esses resultados serão os melhores possíveis.

TABELA 01: Faixa etária dos professores pesquisados

IDADE	NUMERO DE PROFESSORES	PERCENTUAL
18 a 20 anos	0	0%
21 a 30 anos	12	34,3%
31 a 40	15	42,9%
Acima de 50	8	22,9%
Não informaram	0	0%
TOTAL	35	100%

GRÁFICO 1 : Qual é seu tempo de docência dentro de uma escolar ?

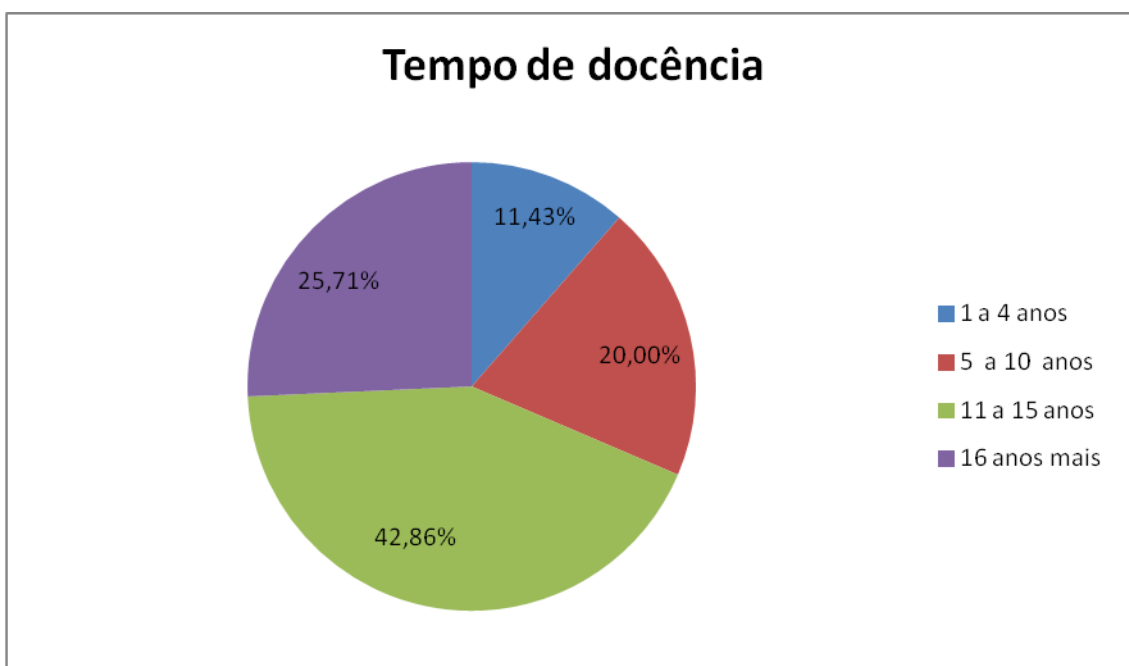


TABELA 02: Formação e Graduação professores pesquisados.

Área de Qualificação dos Docentes	Número
Magistério	2
Graduação	8
Pós Graduação	25
Mestrado	0
TOTAL	35

Podemos observar através da tabela 01 e 03 e no gráfico 1, os professores entrevistados, que totalizam 35, sendo todos do sexo feminino e a maioria na faixa etária de 31 a 40 anos. Em maioria, (42,86 %) tem grande tempo de experiência na área educacional, e estão preocupados com sua formação, pois a maioria já tem pós-graduação em alguma área específica da educação.

Acredita-se também, que os momentos de formação continuada levam os professores a uma ação reflexiva, mostrando eficácia diante dos desafios ocorridos durante a sua prática docente (LIBÂNEO, 1998). Nesse sentido Alarcão (1998), defende a formação continuada como instrumento de profissionalização, deve priorizar o desenvolvimento das potencialidades profissionais de cada docente, individualmente, de acordo com a prática educativa, como fonte geradora de conhecimento,

Dessa forma, passa a ser significativo ao professor, que além dos ensinamentos dos conteúdos, usem desse seu conhecimento científico e de sua criatividade para tornar o aprendizado de seus alunos reflexivos, crítico e eficaz.

GRÁFICO 2: Você sabe o que é disGRAFIA?



Diante do resultado obtido constatou-se que para iniciar a pesquisa era necessário saber se os professores sabiam o que é disGRAFIA, e para isso os docentes responderam á um questionário. Onde foi constatado que maioria não sabia sobre o assunto, totalizando (74%), uma minoria de (26%), já ouviram, ou tem algum conhecimento sobre o assunto.

Diante dos dados analisados, sabe-se que os professores precisam conhecer mais sobre o assunto para saber que encaminhamentos são necessários para auxiliar os portadores deste transtorno. Pois, vai muito mais além do que simplesmente ouvir falar, e se o professor tiver algum conhecimento a respeito, facilitará as possibilidades de um diagnóstico precoce e preciso.

Grande parte dos autores é unânime ao afirmar que o termo Disgrafia é definido como sendo deficiência na escrita, mas precisamente na qualidade do traçado gráfico, sem comprometimento ou transtornos neurológicos, sensoriais, motores (BASTOS, 2009).

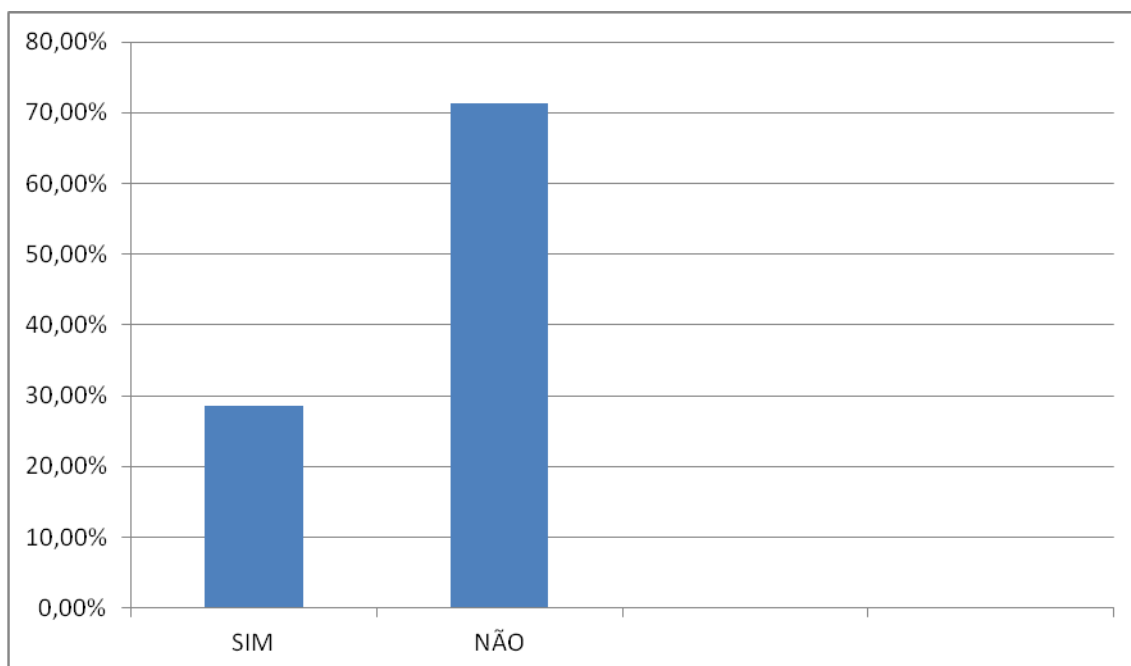
Como nos diz autor Furtado e Borges (2007), disgrafia não problemas visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. São diversos os níveis de disgrafia, podendo ser diagnosticada pelo professor, desde a incapacidade de segurar um lápis ou traçar uma linha, fazer desenho simples o escrever palavras complexas.

O que será muito importante aqui, é o olhar do professor, pois até que ponto sua letra é “feia” e muitas vezes na tentativa de corrigi - lá o professor coloca o aluno dentro de um constrangimento diante do fato dele simplesmente não conseguir consertar sua letra, passando então a não querer escrever mais, ou ainda se esquivando de mostrar suas tarefas e atividades de produção.

De acordo Almeida (2010) a disgrafia pode acompanha crianças deste muito cedo, sendo que com 4 anos e já é possível ser feito diagnostico minucioso, quando o aluno precisa ser acompanhado para prevenção futura.

Com os resultados desta pesquisa demonstrados percebe-se que a disgrafia ainda é bem desconhecida por muitos educadores, até mesmo em termos de leituras sobre o assunto são bem restritos os autores que falam algo sobre ela, já que sempre é associada a outros tipos de transtornos. E esse é um problema que dificulta o conhecimento por parte dos profissionais da educação, e que ainda quando buscam por suas especializações, sentem alguma resistência em assuntos direcionados á distúrbios específicos.

GRÁFICO 03. Você tem ou teve em suas aulas alunos com o diagnóstico de Disgrafia?



Conforme constatado pela pesquisa dos 35 professores que participaram da pesquisa, 10 suspeitaram de casos de disgrafia em alunos do ensino fundamental totalizando 28,6 %, contudo a falta de subsídios maior quanto ao seu conhecimento os impediram de buscarem por ajuda da equipe pedagógica mais cedo. Ou ainda confundirem preguiça, falta de interesse, ou com outro tipo de distúrbio, atrasando seu possível processo de superação.

Para Ciasca (2003) distúrbios específicos são aqueles relacionados à incapacidade da aprendizagem escolar do aluno em forma de leitura, da escrita do raciocínio lógico, matemática, e estão relacionadas a uma falha no processo de aquisição do desenvolvimento desta atividade.

As dificuldades de aprendizagem específicas podem assim se manifestarem, nas áreas da fala, da leitura, da escrita, envolvendo déficit que implicam problemas de memória, perceptivos, motores, de linguagem (CORREIA, 2008).

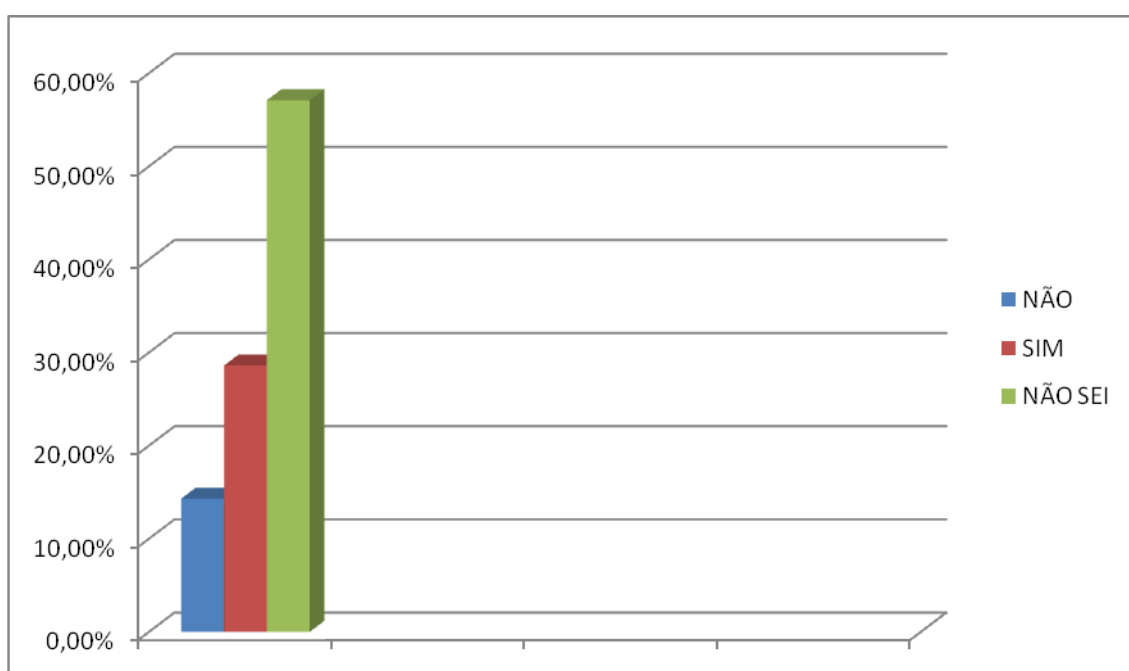
Normalmente o(s) aluno(s) diagnosticado(s), será vistos como um aluno que não é da responsabilidade do professor, dessa forma os profissionais enfrentam sérias dificuldades em relação ao trabalho com esses alunos, pois a demora do diagnóstico atrasa à sua aprendizagem.

Sendo assim, professores em sala, precisam estar atualizados em conhecimentos gerais e específicos desses distúrbios, para que possam corresponder à clientela que hoje freqüentam nossos bancos escolares.

Conforme nos refere Fonseca (2007) ainda, que a avaliação no âmbito das dificuldades de aprendizagem terá de ser de índole por equipe multidisciplinar na educação é necessário um diagnóstico por parte do professor da sala, para que se chegue a equipe, e assim o acompanhamento adequado formada por profissionais especializados será realizado.

Nesse trabalho em equipe o educando tem melhor chances de superar suas dificuldades.

GRÁFICO 04. O alunos com o diagnóstico de disgrafia recebem tratamento com a urgência que necessitam ?



Ainda com base no gráfico acima, (gráfico 04) vemos um índice de (57,1%) muito alto de professores que não sabem se o(s) aluno(s) recebe algum tipo de tratamento diferenciado por parte de profissionais especializados dentro ou fora da escola. Pois, por mais informações que se tem sobre distúrbios de aprendizagens, há ainda uma falta de comunicação muito grande por parte da família com relação á

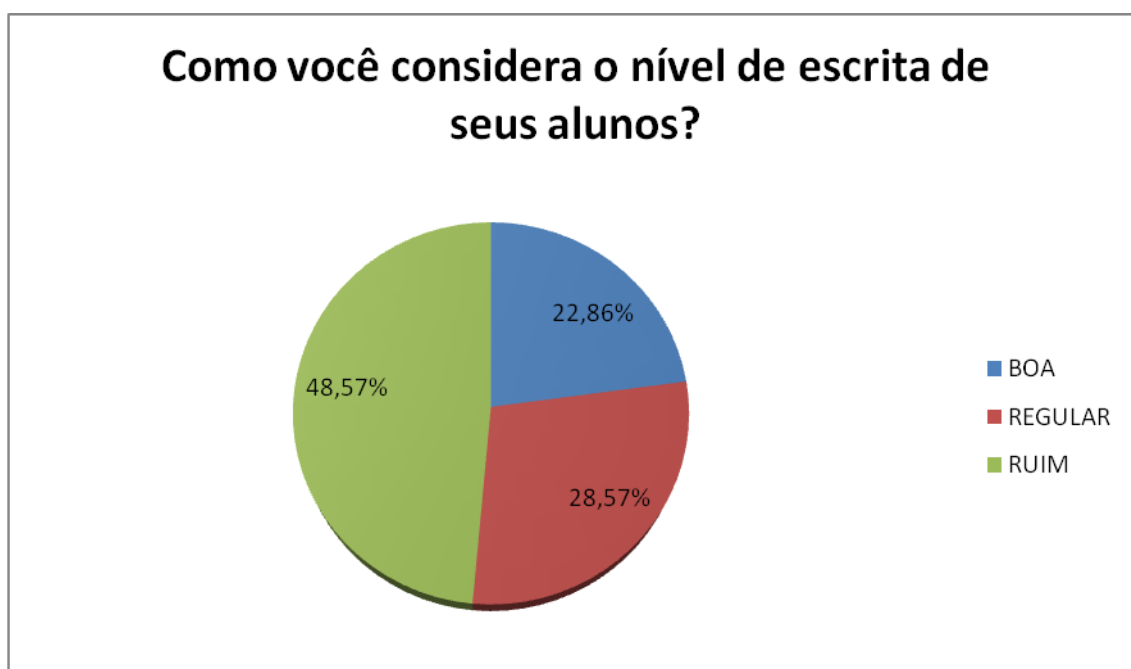
criança com a escola, e ainda da equipe interdisciplinar e o professor dentro da escola. Percebemos durante a pesquisa que pela demora das análises com relação a esses alunos, preenchimento de longas fichas que devem ser feitas pelo professor dessa criança, e que muitas vezes ficam incompletas, pois os mesmos não se sentem seguros quanto ao que vão responder, dos encaminhamentos a neuro e psicólogas/fonoaudiólogas, dentro da educação básica, muitos desses dados se perdem no meio do caminho.

Conforme refere Correia (2004) uma avaliação compreensiva que deve ser sempre efetuada por uma equipe interdisciplinar na medida em que a disgrafia é uma problemática complexa que requer o trabalho conjunto de vários especialistas, professores especializados de educação especial, psicólogos, neurologistas, terapeutas, técnicos do serviço social, que permita a formulação de um diagnóstico confiável, que terá como resultado a elaboração de um programa educativo individual.

Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 2001) atendimento *educacional* especializado gratuito aos educando com *necessidades* especiais detectáveis que precisam ser incluídos nas diversas áreas educacionais, políticas e sociais e tem direito ao acesso às suas necessidades de aprendizagem para desfrutarem dos seus direitos de cidadão inclusive socialmente.

Não podemos tratar alunos com disgrafia, como um problema sem solução, mas sim, como um desafio diário que faz parte deste processo. Neste sentido é importante que o professor detenha um conjunto de conhecimentos acerca da aprendizagem da escrita e da disgrafia que lhe permitam utilizar as estratégias mais adequadas junto a este aluno.

Assim, podemos concluir que tanto os distúrbios quanto as dificuldades geram problemas escolares, na escola, com professores, com a aprendizagem, ou melhor, com a capacidade de aprender, por esse motivo, identificar o conhecimento por parte do professor, possibilita trabalhar essas diferenças de forma interativa com os de mais.

GRÁFICO 05. Como você considera o nível de escrita de seus alunos?

Através do gráfico número 5 percebemos que a 48,57 % dos professores que participaram da pesquisa responderam que alunos têm uma escrita ruim. Segundo Zorzi e Ciasca (2009) o desenvolvimento de habilidades básicas para ler e escrever, graças ao seu impacto na educação, recebe atenção especial, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental . A avaliação da ortografia deve trazer informações do nível ortográfico que a criança se encontra, revelando como é sua escrita e quais são os tipos de erros ortográficos, assim como sua frequência.

Já que, como a disortografia, outro problema na área da escrita que interfere na aprendizagem das crianças temos também a disgrafia (CAPELLINI , 2008).

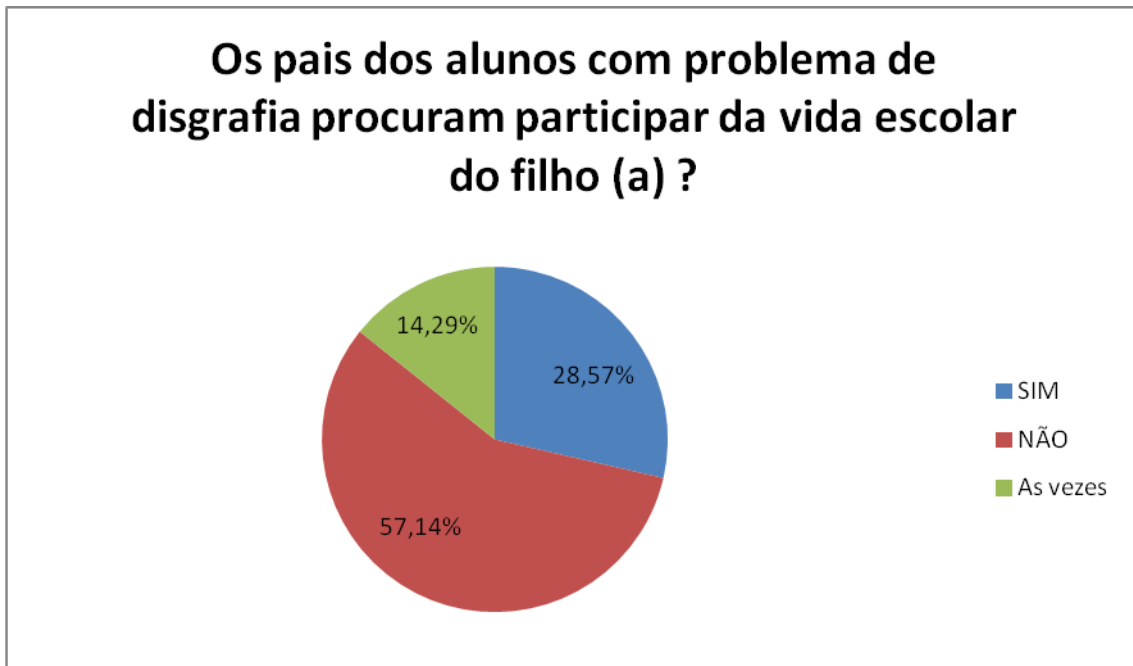
A boa caligrafia exige, entre outras coisas, controle motor fino, integração visuo-motora, planejamento motor, propriocepção, percepção visual, atenção sustentada e consciência sensorial dos dedos (RODRIGUES E ET AL. 2009).

A habilidade de escrever corretamente as palavras é o principal fato que leva o aluno a ser uma pessoa eficiente, expressão da escrita, o mal uso da escrita poder causa deficiências no período de alfabetização, como a má pronuncia das palavras sua compressão e significado (ALMEIDA, 2010).

Percebemos o quanto isso é importante, observar se o aluno apresenta algum indício de dificuldade em relação a uma boa escrita e compreensão, pois o mesmo

irá prejudicá-lo em sua leitura e conseqüentemente em todo o seu desenvolvimento e rendimento escolar.

GRÁFICO 06. Os pais dos alunos com problema de disgrafia procuram participar da vida escolar do filho (a)?



Através da leitura do gráfico número 6, podemos observar que 57,14% dos professores afirmam que os pais dos alunos não procuram acompanhar a vida escolar do seu filho (a), com interesse para que os mesmo alcancem resultados positivo. É necessário desenvolver um trabalho em conjunto entre a família, instituição de ensino e professores, a fim de alcançar o objetivo desejado, ou seja, o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Para Ciasca (2005), grandes partes dos disgráficos apresentam baixo rendimento escolar e são considerados desatentos ou desleixados pelos pais e professores.

Percebe-se desta forma, que a interação família/escola é necessária, para que ambas conheçam suas realidades e suas limitações, e busquem caminhos que permitam e facilitem o entrosamento entre si, para o sucesso educacional.

Neste sentido, o processo de educação escolar vem auxiliar e aliar-se ao processo de educação iniciado no seio da familiar, de modo que juntas Escola e Família resultam na garantia de uma prática educativa que de fato promova ensino e produza bons resultados na formação de cidadãos.

A Lei Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB), observando a importância dessa correlação família/escola, já prevê em seu artigo 2º que “A educação, dever da família e do estado (...) tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando (...) e sua qualificação para o trabalho” (LDB, 1996, p. 9) ou seja, os objetivos e finalidades da educação passam necessariamente pela presença e participação da instituição familiar. Segundo Kauark e Silva (2008), é necessário orientar o aluno que apresenta dificuldades, a família e o professor, para que juntos aprendam a lidar com estes problemas, buscando a intervenção de um profissional especializado.

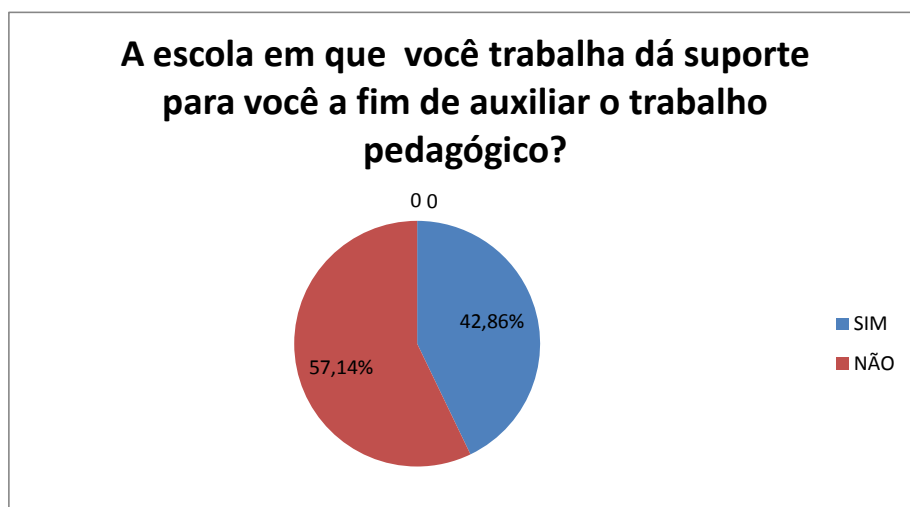
Na **TABELA 03** Professores foram questionado se já participaram de cursos específicos sobre transtornos de aprendizagem ? Se não, tem vontade de participar?

Pergunta	SIM	NÃO
Você já participou de cursos específicos sobre transtornos de aprendizagem?	2 PROFESSORES	33 PROFESSORES
Se não, tem vontade de participar?	35 PROFESSORES	

Os resultados obtidos nos permitem observar na TABELA 03, que 33 dos professores questionados não participaram de algum curso onde a disgrafia foi tida como assunto e este é um dado importante, no entanto sabe-se que o professor precisa conhecer mais sobre o assunto para saber que encaminhamentos são necessários para auxiliar o portador deste transtorno e facilitem sua aprendizagem.

A uma expectativa de intervenção do professor com o aluno com disgrafia, e é considerado de suma importância que os mesmos conheçam o processo de aprendizagem e que busquem mais subsídios necessários para o trabalho dentro de sala.

GRÁFICO 07: A escola em que você trabalha dá suporte para você a fim de auxiliar o trabalho pedagógico ?



Conforme os resultados no GRÁFICO 07, os professores que participaram da pesquisa, um total de 57,14% afirmaram que a escola não dá o suporte necessário para que possam realizar um bom trabalho voltado a esse atendimento.

De acordo com Glat (2007), a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que compõem e que nela interferem, organizar seu (PPP), Projeto Político – Pedagógico, seus recursos didáticos, metodológicos e estratégias de ensino.

A entidade escola deve estar preparada para auxiliar seu profissional para alcançar resultados positivos. É necessário desenvolver um trabalho em conjunto entre a equipe pedagógica e professores.

GRÁFICO 08: Em sua opinião disgrafia provem de fatos Psicológico ou Biológico ?



De acordo com a pesquisa o resultado do gráfico 08 demonstra que 71% afirmam mesmo sem muito conhecimento na área ser de fator biológico. E apenas 29% diz que pode ser Psicológico.

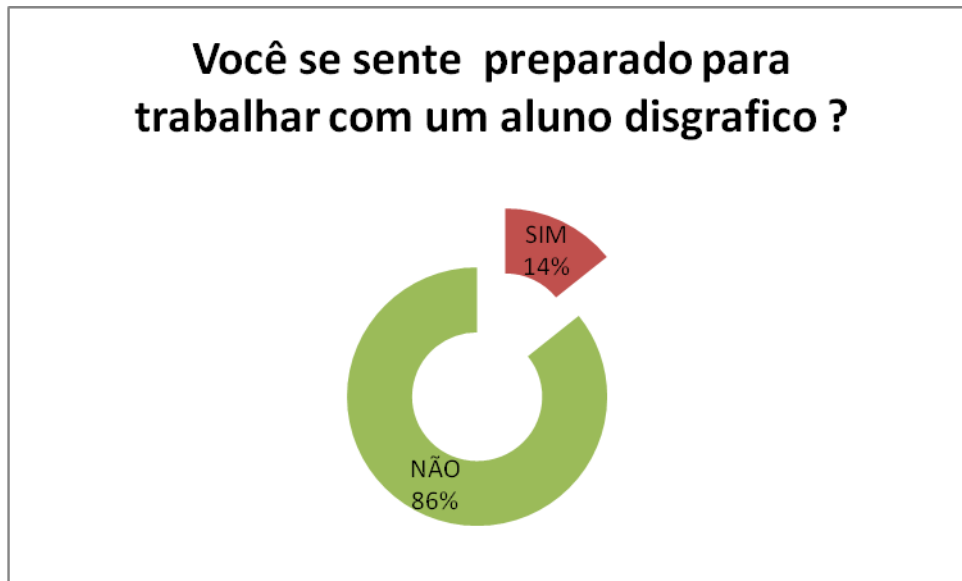
O que podemos observar é tentativa de acertos, e suposições, mas que na verdade não contribuem, e em muitos casos acabam por atrapalhar ainda mais a vida escolar do aluno.

Para Ciasca (2003) entendem que os distúrbios estão relacionados a dificuldades específicas, caracterizadas por uma disfunção neurológica, dentro da dificuldade de aprendizagem, e esta mais relacionada àquelas que aparece na fase escolar, cuja problemática mais geral se associaria, a inadaptação escolar, proposta pedagógica e desenvolvimento emocional

Segundo Fonseca (1995), aprendizagem constitui uma mudança de comportamento resultante da experiência. É uma função do cérebro satisfatória se dá quando determinadas condições de integridade estão presentes, tais como: funções do sistema nervoso periférico, funções do sistema nervoso central, sendo que os fatores psicológicos também são essenciais

Muitas destas crianças acabam sendo encaminhadas para profissionais especializados para diagnóstico e atendimento extra-escolar (ZORZI e CIASCA, 2008).

GRÁFICO 9 : Você se sente preparado para trabalhar com alunos disgrafico ?



O gráfico 09 acima nos mostra um resultado expressivo de uma grande maioria de professores (86%), que consideram não estarem preparados para trabalhar com um aluno digráfico. Ele nos aponta para diferentes justificativas, tais como a falta de conhecimentos/formação; dificuldades na adequação dos conteúdos, estratégias e métodos; forma de avaliação.

Dessa forma, fica bem mais fácil tachá-lo de preguiçoso, desinteressado, relaxado, e avaliá-lo da mesma forma que os de mais.

Cada professor envolvido no processo educacional precisa desempenhar a sua função da melhor forma possível, muito se pode fazer pelos alunos com dificuldades de aprendizagem. A classe de professores na educação precisa estar receptiva a contribuição de outros profissionais, unindo sempre conhecimentos, desejo de mudança, e olhar diferente por nossos educando

CONCLUSÃO

Através de nossa pesquisa, podemos observar a amplitude que abrange as dificuldades que podemos encontrar dentro de nosso pequeno âmbito escolar (nossa sala de aula). Não se faz necessário nem lançar voos mais altos, nem tão longínquos para nos depararmos com problemas de aprendizagens que parecem fugirem de nossa modesta preparação. Contudo, também não precisamos ir tão longe geograficamente para encontrarmos profissionais despreparados e insuficientemente informados sobre os mais corriqueiros transtornos que abarrotam hoje nossos bancos escolares. Todos esses distúrbios de aprendizagem possuem tratamento direcionado, mas infelizmente há um conhecimento muito superficial em relação a eles, e muitos comportamentos normais acabam sendo tachados como problemas de aprendizagem. Em todos os casos, certos padrões e marcos no desenvolvimento cognitivo e físico da criança podem ser observados em busca de indícios da existência de um distúrbio. Normalmente, os pequenos dão os primeiros passos com um ano e meio de vida, são capazes de se comunicar entre os três e quatro anos de idade e, aos seis, já possuem capacidade de convívio e de fazer amigos. Quando há uma demora muito além destes períodos pode indicar a existência de transtornos de aprendizagem. Mas para que tal constatação seja concreta, é necessária a avaliação de um profissional capacitado, que saiba diferenciar adequadamente este distúrbio, direcionando-o para um tratamento adequado. Existe uma ampla discussão entre autores e profissionais da área da educação com relação a esse assunto. No entanto, não há um consenso ou uma posição definida para o mesmo. Dessa forma, vamos adotar neste texto o princípio de que existem determinadas diferenças entre os termos “dificuldades” e “distúrbios” de aprendizagem.

De acordo com SANTOS, 2010 (p. 3), o termo “dificuldades” pode ser usado para designar qualquer tipo de obstáculos encontrados pelos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem. Eles podem ser das mais diversas ordens. Muitas vezes, os problemas não estão no aluno, mas ligados a elementos externos que o influenciam.

Existem vários exemplos de fatores que causam dificuldades na apreensão do conhecimento: Problemas sociais como a desnutrição, ausência de motivação, conflitos familiares, baixa qualidade do sono, diferenças culturais, entre outras

dificuldades como comprometimentos neurológicos e problemas de ordem psicopedagógica.

Portanto, ao nos depararmos com algum distúrbio de aprendizagem, é importante lembrarmos que na sociedade atual, o conhecimento é de extrema importância e tem diferentes significados, atingindo o indivíduo, a família, o meio social, a escola e os educadores. A sondagem e a busca por caminhos seguros que possam nos levar a inclusão dos mais diversos problemas em nossa educação hoje, é apenas um dos cominhos, o outro é estarmos preparados para recebermos todo e qualquer tipo de dificuldade que nossas crianças possam nos apresentar enquanto seres em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ALMEIDA, Fernando José. **Paulo Freire desenvolveu novo conceito de leitura e escrita**. Folha Online, Publicado em 27/10/2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u643944.shtml>>.

ALMEIDA, Amanda; ALMEIDA, Maria; ALMEIDA, Maykonn. Manual para tratamento de disgrafia: disortografia e troca de letras. São Paulo 1.ed. Biblioteca24horas, 2010.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4 ed São Paulo, Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época; 103).

BASTOS, Ana Carmen M. 2009. **Principais distúrbios de aprendizagem**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/anabastospsicopedagoga/Home/dificuldades-de-aprendizagem>>

BASTOS, Ana Carmem. **Disgrafia: Tratamento e Orientações**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/anabastospsicopedagoga/disortografia>>. Acesso em julho de 2013.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. MEC/CNE, 2001.

BRASIL . LEI nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**

BRASIL: **LDB**: Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394, de 1996. 2º ed. 2001.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Organização Mundial de Saúde (Org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CIASCA, Sylvia M.. **Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CALDEIRA, Elisabeth; CUMIOTTO, Dulce Maria Lázzaris de Oliveira. DISLEXIA E DISGRAFIA: DIFICULDADES NA LINGUAGEM. **Rev. Psicopedagogia 2004; 21(65): 127-34**

CIASCA, Sílvia Maria. **Distúrbio de Aprendizagem - uma questão de nomenclatura**. IN Revista SINPRO. Rio de Janeiro. 2005

CORREIA, L. M. (2008). **Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Contributos para uma definição portuguesa.** Coleção Impacto Educacional. Porto: CORREIA, L. M. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Contributos para uma definição portuguesa.** Coleção Impacto Educacional. Porto: Porto Editora, 2008. Porto Editora.

Correia, M., **Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais** in: *Análise Psicológica* 2 (XXII): 369-376 ANO (2004), <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v22n2/v22n2a05.pdf>

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. **Módulo: Dificuldades de Aprendizagem.** Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

Fonseca, V. (2007). Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas. *Rev. psicopedag.* vol.24 no.74 São Paulo.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010384862007000200005&script=sci_arttext

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLAT, R. (Org.) **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado. **Dificuldades de Aprendizagem: detecção e estratégias de ajuda.** MMIX.ed. Cultural. 1998.

GOULART, Nathália. **Letra feia não é só pressa ou preguiça. Pode ser disgrafia.** **Revista** Veja online. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/letra-feia-nao-e-so-pressa-ou-preguica-pode-ser-disgrafia>>.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldade de aprendizagem. Linguagem, leitura , escrita e matemática.** Porto Alegre , RS . Artmed 1998.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? novas exigências educacionais e profissões docente.** São Paulo: Cortez, 1998.

JOSÉ, E. A. & COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem.** 12ªed. São Paulo, 2000.

JARDINI, R. S. R.; SOUZA, P. T. Alfabetização e reabilitação dos distúrbios de leitura/escrita por metodologia fono-vísuo-articulatória. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri (SP), v. 18, n. 1, p. 69-78, jan.-abr. 2006.

MORAIS, António Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 12ª ed, 2006

NUTTI, Juliana Zantut. Distúrbios, transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem: algumas definições e teorias explicativas. **Psicopedagogia online**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br>>.

NEVES, Priscilla C.A. , BATIGÁLIA, Fernando. **Diferenciação diagnóstica entre distúrbio e dificuldade de aprendizado em crianças de 7 a 9 anos**: revisão de literatura. V18-nº2 abr/jun 2011 Disponível: http://www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/vol-18-2/IDT%203%20-%20abr-junh%202011.pdf

NEVES, Jose Mabel Pereira Lopes das; ROSA, Cristina Maria. **O que É Escrita? Os Professores em início de formação e seus conceitos**. Depto de Ensino- Faculdade de Educação- FAE/ UFPel. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00794.pdf>.

TORRES, R. & FERNÁNDEZ, P. (2001). **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Amadora: McGraw-Hill. Disgrafia – **Prováveis causas dos distúrbios e estratégias para a correção da escrita**. Porto Alegre: Revista do Professor, 19 (74), 19-25.

VISCA, Jorge. **O Diagnóstico Operatório na Prática Psicopedagógica**. São José dos Campos: Pulso, 2008.

Rodrigues Sônia das Dores, Castro Maria José Martins Gomes de, Ciasca Sylvia Maria. **Relação entre indícios de disgrafia funcional e desempenho acadêmico**. Rev. CEFAC 2009; 11(2): 221-227.

KAUARK, Fabiana da Silva. SILVA, Valéria Almeida dos Santos. **Dificuldades de Aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental e ações Psico e Pedagógicas**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, nº 78, São Paulo: ABPP, 2008 Disponível em <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/78.pdf>

SANDIM, Eva Braga; VILELA, Maria Cristiana da Silva; OLIVEIRA, Braz da Silva. As Dificuldades de Aprendizagem no contexto Escolar. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA EDUVALE**. Publicação científica da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale de São Lourenço - Jaciara/MT Ano V, Numero 07, novembro de 2012 – Periodicidade Semestral – ISSN 1806-6283

Salgado CA, Capellini SA. **Programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento**. Pró-Fono Revista de Atualização Científica. 2008 jan-mar;20(1):31-6.

SANTOS, Nielly. O que são distúrbios de aprendizagem?. Blog Psicopedagogos Inovadores. Disponível em:
<<http://psicopedagogosinovadores.blogspot.com.br/2011/05/o-que-sao-disturbios-de-aprendizagem.html>>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

Zorzi Jaime Luiz, Ciasca Sylvia Maria. **Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem**. Rev. CEFAC [periódico na Internet]. 2008 ; 10(3): 321-3

Zorzi, J L ; CIASCA, S. M. . **Alterações ortográficas: existem erros específicos para diferentes transtornos de aprendizagem?**. Psicopedagogia (São Paulo), v. 26, p. 254-264, 2009.

ANEXO(S)

APENDICE

Questionário para os professores

1. Qual sua faixa etária?

- 18 a 20 anos
- 21 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- Acima de 50 anos
- Não informaram

2. Qual é seu tempo de docência dentro de uma escolar ?

- 1 a 4 anos
- 5 a 10 anos
- 10 a 15 anos
- 16 anos mais

3. Qual Sua Graduação como Professor de sala de aula ?

- Magistério
- Graduado
- Pós – Graduado
- Mestrado

4. Você sabe o que é disgrafia?

- SIM ou NÃO

Se sim, descreva- o.

5. Você tem ou teve em suas aulas alunos com o diagnóstico de Disgrafia?

- SIM OU NÃO

6. O alunos com o diagnóstico de disgrafia recebem tratamento com a urgência que necessita ?

NÃO SIM NÃO SEI

Se sim, que tipo de tratamento diferenciado.

7. Como você considera nível de escrita de seus alunos?

Regular Boa Ruim

8. Os pais dos alunos com problema de disgrafia procuram participar da vida escolar do filho (a) ?

sim não as vezes

9. Você já participou de cursos específicos sobre transtornos aprendizagem ?

SIM ou NÃO

Se não, tem vontade de participar?

sim não por quê?

10. A escola em que você trabalha dá suporte para você a fim de auxiliar o trabalho pedagógico?

SIM ou NÃO

Se sim, como?

11. Em sua opinião disgrafia provem de fator Psicológico ou Biológico?

Psicológico Biológico

12. Você se sente preparado para trabalhar com alunos disgrafico ?

SIM NÃO